

Belicista (Luzia) ...

então estudante, e abraçando com entusiasmo os princípios anarquistas, viu-se na dura alternativa:—ou unir-se a seu pai para defender os interesses da sua família, ou juntar-se aos operários revoltados, seguindo assim os ditames da sua consciência. O momento de dúvida foi curto: colocou-se incondicionalmente ao lado dos operários, lutou com eles, até que obtiveram uma vitória completa...

Quando do abominável processo de Cambios Nuevos, de Barcelona, sofreu uma perseguição cega e irreflectida por banda dos governos espanhóis, sendo por isso, um dos indivíduos inocentemente encerrados no maldito castelo de Montjuich. Mais tarde saiu desta prisão sob fiança, mas teve que sair de Barcelona por causa da odiosa perseguição a que o sujeitaram as autoridades. Refugiou-se, então, em Londres, vivendo numa vida exemplaríssima e proveitosa para as nossas ideias e para a sciencia sociológica.

Muitos são os frutos deixados pelo seu grande talento. As mathematicas, a astronomia e as materias próprias da sua profissão, ficam muito enriquecidas pelos conhecimentos que elle possuía. A filosofia anarquista e a sociologia ficam igualmente engrandecidas pelos trabalhos riquíssimos elaborados pela sua douta intelligencia. Morreu deixando-nos uma obra de valor. Sentindo a sua falta, resta-nos apenas a consolação de apresentar o seu exemplo e a sua vida aos novos, incitando-os a trilhar o mesmo caminho e a prosseguir na obra empreendida.

Sessão solene

Os operários marceneiros realizam hoje, pelas 15 horas, uma sessão comemorativa do XXXVIII aniversário da fundação da sua associação. Forão por lá palavras de outros, os seguintes propagandistas: Luis C. Pereira, S. C. Lucena, Maciel Barboza e Americo G. de Souza, um delegado da Federação das A. O. e outro da União Operária Nacional, havendo recitativos por outros camaradas.

No intervalo haverá uma surpresa a uma comissão de operários marceneiros dos mais necessitados, afirmando o espirito de Solidariedade desta Associação para com eles.

No atoleiro...

Em Tierra y Libertad, de 10 de Março, o grupo Ni dogmas ni sistemas escrevia de Dowiais, entre outras, estas palavras (traduzimos á letra):

«E' preciso sair do atoleiro em que nos meteram uns com as suas claudicações, outros com as suas opiniões tam faltas de verdade anarquista como sobradas de trâmóia histórico-guerreira e outros por se terem transformado, como Lorenzo e Fructidor».

Achamos sobretudo injusta a última «acusação». Em primeiro lugar, Anselmo Lorenzo e Fructidor não teem culpa de ter morrido... e da frase acima traduzida parece deduzir-se que eles, com aquele gesto... forçado, quiseram meter-nos no atoleiro. Em segundo lugar, parece que assim, por nos faltarem aqueles luminareos antiguerristas e anti-intervencionistas, nos vemos desamparados e sem norte. Mas decerto trata-se apenas dum lapso de redacção: aquilo devia formar parágrafos á parte, com outro verbo e outros complementos.

Francamente, não nos agrada tampouco aquele pretensioso e vago «transformar-se em vez do simples e familiar morrer: nestes tempos, com tanta gente disposta a tomar bexigas por lanternas, são capazes de supor que Lorenzo e Fructidor se transformaram em intervencionistas... no outro mundo.

Simple reparos... gramaticais...

Apontamentos...

«Guerra contra a ditadura!» Eis o grito que ressoa altisonantemente da parte dos democráticos, procurando, numa linguagem meliflua, atraír o povo, esse eterno explorado e oprimido, a colaborar nas suas manigâncias politicas.

E para isso, pintam-lhe a actual situação da sociedade portugueza com as cores mais negras e tétricas, abeirando-se de um abismo, onde se despeñarão todas as liberdades individuais consignadas na Constituição, e dando lugar a que sossobre o regime, a integridade da nacionalidade, etc.

Mas o povo, que já não vai com essas cantatas politiqueras, deixa-se ficar impassível ás lamúrias dos arlequins que se exibem por aí, em esgares sensaborões e nauseabundos, demonstrativos da crise de caracteres que avassala a todos os que chafurdam no pantano da politica.

Porquanto, essa indiferença se vá acentuando na mole popular, os histriões mórtes do partido das «fitas homéricas», dos «tentados a canivete sem ponta, dos surripamentos dos haveres das cooperativas operárias, dos encarceramentos dos operários por questões sociais sem culpa formada durante meses, dos encerramentos arbitrários das associações dos trabalhadores legalmente constituídas, das supressões e apreensões dos jornais de propaganda corporativa e social, continuam bimbalhando aos quatro ventos o estafado conto do vigário das liberdades individuais periclitarem, com o concurso de uma imprensa mercenária e impúdica que lhes serve de portavoz, ajudando-os a levar a bom termo as suas tranquiéberrias.

São, pois, os estertores de um partido—é pena não ser os de todos os partidos políticos—eleiçoeiros—que ontr'ora tiraniso e oprimiu, usando para isso de todos os meios ardilózes, insidiózes e delatórios, as classes trabalhadoras, em contradição manifesta com o apregoado abaixo dos tablados dos comícios no tempo da «ominosa» e do que se dizia fiel intérprete!

Porém o quê e o porquê de toda esta celexuma barafustadora contra a ditadura «pimenteira, não é mais nem menos, senão, por não estarem lá nas culminâncias do poder os pontífices do democratismo, para fazerem as eleições deputais e senatoriais que se avisinha—e vencê-las. E assim as urnas fariam verdade a mentir, como dizia Garrett, levando ao hemicycle de S. Bento dezenas de deputados e senadores democráticos—perdão:—republicanos portuguezes— que iriam solver a carestia da vida, darem trabalho a todos os desempregados, baratearem os alugueis das casas, enfim, proporcionarem um relativo bem estar ás classes trabalhadoras!!!

E, então, as liberdades constitucionais seriam mantidas integras, o regimen não baquearia e a integridade da nacionalidade não perigaria...

Bravo, seus tartufos! Tudo isso é muito mirabolante para os papalvos; todavia, o povo que vai pensando continua impassível deixando-vos espirrar com a pimenta...

Suou a hora da liquidação para aqueles que, durante o seu consulado democrático—formigo—biológico, praticaram os maiores attentados contra as liberdades de pensamento, reunião, associação e imprensa, contra o estatuido nessa Constituição que eles, agora, tão denodadamente defendem, em proveito, é claro, das suas vaidades ambições e interesses comestinhos.

Ahi o posso, quero e mando da caterva truanesca dos Costas, Borges, Rodrigues & C.ª liquidou, falando, na reunião parlamentar de da terra dos salóios...

Estão, pois, vingadas as vítimas desse funesto e trágico consulado da república portugueza!

Agora, povo, unete para lutar contra a miseria que te assombra; luta contra os detentores dos géneros alimentícios, dos instrumentos de trabalho e dos da propriedade, olvidando as jerefias das dos políticos, sejam eles quais forem.

A luta pelo direito á vida, e ninguém sucumbirá ante o espectro hediondo e ceifador da vidas.

MAGALHÃES JUNIOR.

De Paris

Nótulas

O triunfo da democracia

Nunca se ouvira falar tanto da democracia na imprensa burguesa! Quantos louvores aos «nossos amigos» (nova rubrica) aliados belgas, russos e ingleses!

E ultimamente, o illustre neopatriota Gustavo Hervé, na sua Guerre Sociale (sociale, porquê? esta palavra é ali demais, já não tem razão de ser, dada a sua nova attitude...), proclamava um dos «nossos» melhores «amigos» belgas—o cidadão Alberto I—como perfeito democrata e conferia-lhe uma patente de republicanismo retinto. Não vejo nisso, afinal de contas, inconveniente algum; mas acho que para vir a ser um verdadeiro democrata, o rei dos belgas teria que dar a sua demissão de soberano e viver como simples particular, a exemplo dos exarquiducos de Austria e outras altas notabilidades (tais como o príncipe Pedro Krapotkine, Leão Tólstoi, etc.). Quando chegar a dar esse passo, então Alberto ter-se há feito realmente democrata e como tal o reconheceremos; mas antes disso, não.

Até o tigre—Clemenceau—voltou a melhores sentimentos, a costumes mais sociáveis, desde que não detém o poder governamental, e anda a guerrilhar, com justa razão, contra a Censura prévia, pela liberdade de escrever, no seu jornal L'Homme Enchaîné.

Similitudes

1914-15 fará data na História, não só em virtude do conflito mundial presente, mas ainda sob o ponto de vista nacional francês: em 1870-71, foi a guerra com a Alemanha, com uma estação infernalíssima; em 1914-15, é de novo a luta com uma Alemanha mais desenvolvida, mais bem educada—militarmente falando,—mas foroz, mais vandálica, mais inconsciente ainda... e o inverno, que se adiantou um mês, fez várias vítimas... Como se não bastassem para a tarefa os «civilizados»!

E também em 1871, houve homens para tentar um ensaio de sociedade melhor, que teria podido surgir da revolução de 18 de Março; mas, em 1914, não houve homens para renovar tais tentativas, nem na C. G. T., nem no Partido Socialista, nem nos Anarquistas. E' certo que, não se mecendo os primeiros, os últimos—minoría—não haviam de «se sacrificar» por eles, e no fim de contas andaram com juizo não... andando; ou então, teria sido necessária uma forte minoría, mas tal não era o caso.

Alguns accusam de cobardia a C. G. T. e o P. S. U.; outros de inconsciência, de hesitação; outros ainda acharam argumentos—sensatos, probantes, força é dizê-lo—para defender a nova attitude e tática revolucionário-guerreira.

Os governantes franceses, nada tolos, áesses acharam a União nacional!

Dona Anastásia

Anastásia, isto é, a Censura vela com desvêlo sobre os nossos desvios de pena, não nos permitindo disso. Ora, em Londres, cada um escreve o que quer, salvo, claro está, informações sobre as operações militares.

Suaave terra de França! Paris, Março de 1915. HENRI ZISLY

Comité prop'essos por questões sociais.

Como na última semana, na publicação do relatório deste Comité, não se mencionou a União dos Empregados do Comercio que também contribuiu com a cota de 550, desfazemos hoje o engano, ficando o saldo a sêr de 236 e não de 1886 como se escreveu. A. Silva, seer.

OS ANARQUISTAS E A GUERRA

IV

As declarações de Krapotkine a proposito da guerra contidas numa carta endereçada ao professor Gustavo Steffens e numa outra publicada na Batalha Sindicalista, de Paris, levantaram enorme celexuma, e muitos guerristas burguezes e não burguezes, escudando-se na autoridade moral e intellectual do autor da Conquista do Pão, predicaram abertamente a necessidade dos anarquistas participarem directamente e de arma ao ombro do conflicto que semeia odio, a morte e o luto em todos os países da Europa.

Era de supor—elo menos para nós individualmente, acentuemo-lo—que a maior influencia se ressentiria nos países beligerantes e designadamente na Rússia, por se tratar dum russo illustre e consideradissimo entre os anarquistas do seu país de origem, não só por afinidade de raça, mas também por se acharem, a nosso pessoal modo de ver, mais do que quaisquer outros, identificados com o grande sociologo. Era, porém, errado o juizo crítico, aliás prematuro que fizemos, segundo concluímos de um escrito devido á pena do anarquista russo Alexandre Ghé, publicado no n.º 11, de Volonté, de Ancona, Italia, de 13 de março corrente.

Depois das declarações feitas por Krapotkine—escreve Ghé—chamando os revolucionários de todo o mundo a pegar em armas para ajudar os governos de França e de Inglaterra a combater o militarismo tudesco, entre os nossos companheiros de oeste era opinião corrente de que todos os anarquistas russos tinham traído a causa dos trabalhadores, que se haviam democratizado e tornado, pelo menos durante a guerra, patriotas da Triple Entente.

Mas esta opinião não corresponde á realidade dos factos. Existem anarquistas russos, mas não existe um anarquismo russo. O anarquismo, como a classe trabalhadora, não tem pátria; elle é internacionalista. E eis porque a concepção da vontade, do pensamento e da acção da classe trabalhadora é o único não influenciado de sentimentos nacionalísticos, isto é, o único conceito verdadeiro do internacionalismo. O anarquismo tem combatido sempre o Estado, independentemente da sua forma monárquica ou republicana. Este conceito é o fundamento e a alma do anarquismo e do seu internacionalismo e tem servido sempre como a melhor garantia contra todas as tentativas nacionalísticas. E' a sua vitalidade e a sua força. Como é impossivel desaposar o operário da sua patria porque a não tem, igualmente é impossivel nacionalisar o anarquismo, porque seria destruir a sua essencia e a sua razão de ser.

E' certo que as declarações feitas por Krapotkine foram uma dolorosa surpresa para nós, mas ella não seria maior se tais declarações fossem feitas por qualquer outro anarquista. Elas, de resto, provocaram um facto muito satisfatorio, pois mostraram que todos os nossos camaradas não estão com elle, mas contra elle. Tivemos então occasião de constatar que por maior que seja a autoridade moral e intellectual de um homem este não tem uma influencia absolutamente suggestiva sobre os que o admiram.

«Nesta sua evolução, Krapotkine deixou de ser o nosso companheiro, deixou de ser o anarquista. Mas o anarquismo profundamente penetrado na consciencia das massas não sofrerá como idéa com a perda de um dos seus melhores membros.»

«As declarações de Krapotkine não fascinaram os camaradas russos. No ambiente anarquista russo elle permanece só, isolado. Os seus apêlos em beneficio da Triple Entente não encontraram eco. Os anarquistas russos continuam fieis á bandeira revolucionária da classe trabalhadora. Para elles só uma guerra é admissivel: a de todos os proletarios do mundo contra todos os governos sem excepção.»

São consoladoras as palavras de Ghé; e não encarecemos o seu alto valor moral, aliás, inconfutavel, não só porque este exemplo

nos vem da Rússia despótica, onde é perigoso falar tão claramente, mas também porque é um dos países beligerantes aliados.

Ghé e todos os anarquistas russos bem reconhecem o perigo que advirá para as idéas novas com a vitória mais que provavel, certa da Russia; e se, finda a guerra, os anarquistas teem de sofrer as consequências duma perseguição odiosa e infame que nem durante as hostilidades afrouzou os seus designios, não querem de forma alguma concorrer para a fortalecer e encorajar para não cairem no abismo que ajudaram a cavar, tornando-se, assim, vítimas de si próprios.

Nós, individualmente, não participamos inteiramente da opinião de Ghé. Para nós o acto de Krapotkine representa um desvio e não o repúdio das doutrinas anarquistas. Finda a guerra, Krapotkine continuará de novo a ser dos nossos, bem como todos aquelles que voluntariamente se teem afirmado, por palavras e obras, partidários da guerra.

O acto cometido por alguns anarquistas, encoroporando-se na guerra, impulsionados por um sentimento altruista—defesa da humanidade—sem reflectirem que participando da luta iam de encontro aos principios que advogam, não só porque o inimigo é também uma parcella da humanidade que elles julgam defender, mas também porque esta guerra infernal não é de forma alguma uma guerra de libertação, não atenderam ás consequências funestas que d'elle lhes poderiam surgir.

O correspondente parisiense do popular «Noticias», da invicta, francófilo ferrenho, e portanto insuspeito, numa das suas correspondencias publicada, salvo erro, em 18 de mez corrente, salientava o facto de um português—Antonio Santos, de Lisboa—encorporado como voluntario na legião estrangeira, ter sido julgado como desertor e condenado a dois anos de prisão numa possessão florestal da Svia, pena relativamente pequen se atendermos a que alguns italianos e espanhóis haviam sido condenados a dez anos e um destes últimos á morte!

Já antes, noticiaram os jornais, o jornalista Torres, redactor do Mundo Gráfico (?), chegado a Barcelona, e que como voluntário esteve nas trincheiras contou que aos logares de maior perigo eram destinados os voluntarios estrangeiros.

Como, pois, fazer a apologia da participação dos anarquistas na guerra, que o odio dos competidores capitalísticos aticou na ancia de maiores lucros auferirem durante e depois da monstruosa empresa?

Enfim ha de tudo; e que fantasticos empreendimentos nos estarão talvez ainda reservados! Em Itália apareceu agora um semario, A Guerra Social, que se diz anarquista—anarquista!—a fazer a propaganda da guerra.

Mussolini rejubila!

Gu'pilhares, 1915.

GIORDANO BRUNO.

Na Itália

Referindo-se aos successos sangrentos de Reggio Emilia—a prepotencia infame dos carabineiros contra uma manifestação antiguerrista sendo mortos dois populares—escreve Volonté entre outras coisas:

Não é infelizmente pelos nossos motivos e com os nossos intuitos que o povo, na sua maioria, é contrário á guerra. Mas o facto é que não quer a guerra; disse-o com as suas demonstrações e por meio de centenas de comícios, ao que os guerristas em vão opõem os tumultos que elles conseguiram suscitar com certo êxito em cinco ou seis localidades. A crónica imparcial não pôde ser sufocada pelas mentiras bluffísticas do jornalismo: o povo não quer a guerra. E esta vontade dos seus filhos selou-a com o seu sangue.